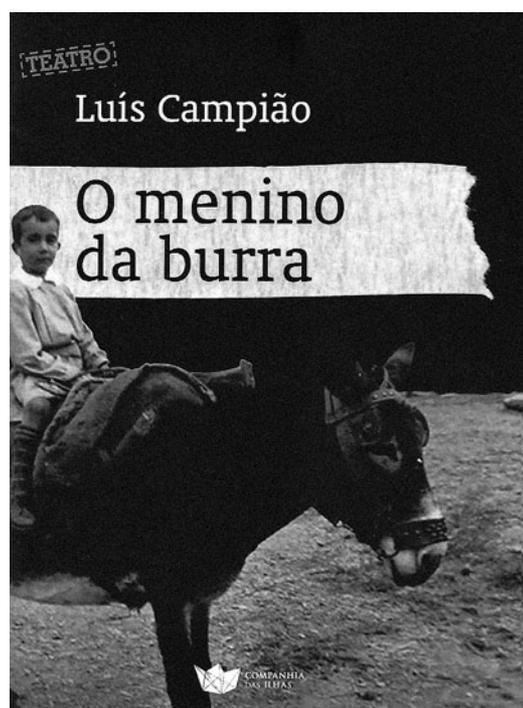


Ilhas em Companhia

Uma leitura das leituras

Sebastiana Fadda



Considerai a vossa procedência:
feitos não fostes para viver como brutos
mas para seguir virtude e sapiência.

(Dante Alighieri, *A divina comédia: Inferno*, Canto XXVI, vv. 118-120 [tradução minha])

1. Premissa.

Poderá resultar simplista emparelhar palavras-chave inevitável ou indissoluvelmente associadas entre si. Por vezes consideradas em franca oposição binária, outras procurando-se conciliar as suas contradições internas pela perspectiva dialógica herdada do humanismo, remetem para algumas das grandes questões em torno das quais as diatribes entre defensores e detractores mais fundamentalistas ainda atingem tons incendiários e efeitos funestos, mantendo-se os axiomas subjacentes discutíveis ou pouco consensuais, enquanto as eventuais profundas fracturas de que são mera afloração permanecem por resolver. Por exemplo: instinto / razão, natureza / cultura, primitivismo / civilização, religião / ciência, teocentrismo / antropocentrismo, irracionalismo / racionalismo, socialismo / capitalismo, criacionismo / evolucionismo. Algumas dessas duplas agregam-se, sustentam-se,

Luís Campião, *O menino da burra*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, Coleção Azulcobalto Teatro, n.º 6, 2014, 42 pp.

Marta Freitas, *Eis o homem seguido de (Des)humanidade*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas / Mundo Razoável, Coleção Azulcobalto Teatro, n.º 7, 2014, 106 pp.

hibridam-se ou completam-se umas com as outras. Embora os especialistas nas várias áreas do saber com que estão relacionadas sejam mais habilitados para se pronunciarem com o devido conhecimento de causa, é a última combinação em especial que tem aqui convocado as restantes, todas elas directa ou transversalmente pertinentes com esta.

Em contraste com os postulados aceites pelos apologistas do criacionismo, entre os fundamentos da teoria evolucionista da vida ressaltam os imprescindíveis conceitos de adaptação e necessidade: os organismos vivos mais aptos (ou fortes) prevalecem sobre os menos aptos (ou fracos) e, modificando-se e moldando-se ao ambiente, permitem a sobrevivência da espécie. As consequências do entendimento distorcido das formulações enunciadas por autoridades como Herbert Spencer no âmbito da filosofia (*Estatística social*, 1851) e Charles Darwin na biologia (*A origem da espécie*, 1859), referências aliás, obrigatórias para as ciências naturais e sociais, têm sido devastadoras.

No terceiro quartel do século XIX a fusão e aproveitamento dos princípios das duas orientações¹ para fins políticos gerou uma tendência apelidada "darwinismo [ou spencerismo] social", que assentava na perfeição para continuar a justificar a vertical hierarquização das classes e a presumida supremacia "natural" dos ricos sobre os pobres, legitimando as ambições expansionista e predadoras do colonialismo moderno. Dai às aberrações da "antropologia racial" ou "racismo científico", que culminariam com um dos períodos mais execráveis da história da humanidade, o passo foi breve. E, no entanto, mesmo em condições infames, houve quem alimentasse a sua resiliência com a cultura: Primo Levi, no seu testemunho memorialístico de sobrevivente – *Se isto é um homem* (1947)² –, relata a partilha, com um companheiro de desventura, do Canto XXVI da *Divina comédia* dantesca, que encontra na figura de Ulisses a metáfora exemplar da irrenunciável urgência de conhecimento para uma vida digna e significativa, em prol da qual os versos em epígrafe trazem impressiva oração e exortação.

¹ Pelo contrário, a experiência mostrava a Spencer o surgimento "dum sumo interesse na prossecução de fins totalmente desinteressados", e antevia o aumento de homens que, nesse espírito, contribuiriam para a "evolução da Humanidade", em benefício dos "mais remotos descendentes" (Spencer *apud* Lanaro 1997: 224 [t.m.]).

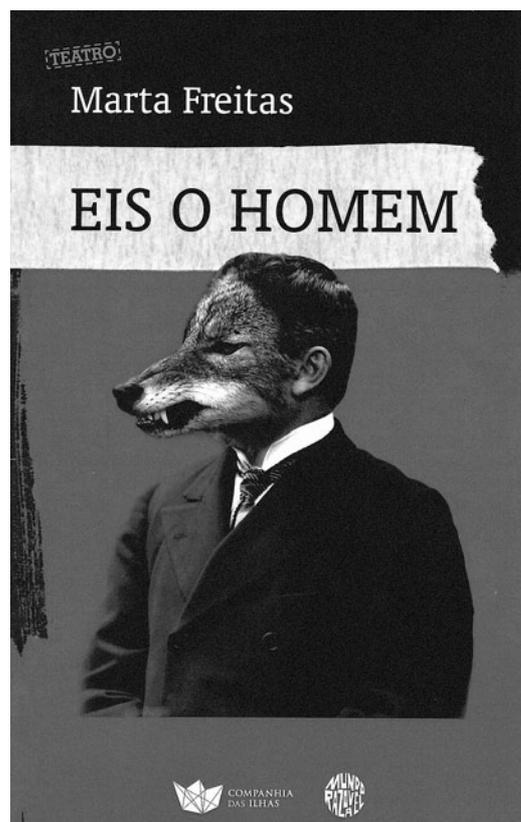
² O título inicial, *I sommersi e i salvati [Os submersos e os salvos]*, ficou alterado pela De Silva, que aceitou o livro após recusa da Einaudi. (http://www.primolevi.it/index.php?title=Web/Italiano/Contenuti/Opera/110_Edizioni_italiane/Sequesto_%C3%A8_un_ommo [data de acesso: 19 de Novembro de 2014]).

2. Pertinência.

Vem de longe a apregoada crise da sociedade ocidental. Para muitos a sua falência já estaria inscrita na pretensão de a evolução coincidir e ser permitida pelo constante aperfeiçoamento de todo e qualquer fenómeno, apontando mais estritamente para uma noção de progresso apoiada em bases tecnológicas, mas cada vez mais afastada da conotação iluminista que tanto contemplava o indivíduo como a colectividade, motores e beneficiários da transformação.

Ainda havia margem para alguma ilusão dos mais optimistas, ou dos menos informados, na fase de reconstrução, prosperidade e consolidação das sociedades de consumo que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, devido à aplicação das teorias económicas keynesianas, embora incidindo nos países desenvolvidos, mesmo que destruídos. Nos emergentes, ou "em vias de desenvolvimento", só mais próximos dos nossos dias se centraram as preocupações daqueles, devido à passagem destes de reservatórios de riqueza a temíveis concorrentes. Abolidas, esbatidas ou derrubadas as fronteiras ideológicas que tinham no muro de Berlim o seu último baluarte, o neoliberalismo mais truculento tem-se expandido sem a menor inibição ética, favorecendo a implementação de democracias *sui generis* após o apoio aos regimes totalitários, sendo a política continente variável para manter estável o conteúdo. A corrida febril atrás de tudo o que promete o lucro mais alto, no prazo mais curto e a qualquer preço – desde que beneficie os especuladores privados e seja custeado pelas instituições públicas –, tem assumido as proporções de uma bola de neve gigantesca, que rola cada vez mais rápida, não havendo, em boa verdade, nada de natural, imprevisível ou inevitável nesse fenómeno. E, todavia, decreta-se a deriva das utopias e o exílio do humano da paisagem.

O que emerge nesta contingência histórica globalizada, é uma sociedade disfuncional, desgovernada por elites oligárquicas e plutocráticas que fazem das nações o seu laboratório de experiência e das massas informes as suas cobaias, para testar estratégias a fim de manter inatacável a miragem delirante de multiplicar até ao infinito o seu património e poderio. Eleitos e excluídos co-existem à distância, como mundos paralelos ou planetas de diferentes galáxias, fechados em realidades mirabolantes ou implacáveis: uns, no culto da onipotência, eufóricos pelos rendimentos da finança virtual e outros no pesadelo da espoliação, afundados pela política económica real. E assim se compõe um planeta hiper-povoado, hiper-explorado e hiper-desequilibrado na distribuição e gestão sustentável da riqueza.



O Ensino e a Cultura – e tudo o que diga respeito aos direitos conquistados para a realização do chamado Estado Social – encontram-se despromovidos do seu lugar na cidade, tal como os próprios Cidadãos, acusados de parasitismo nos orçamentos de estado, conforme a insultuosa "narrativa moralista" (Soromenho-Marques 2014: 122) que pretende justificar a austeridade imposta por políticas proteccionistas de mercados desregulados, vorazes e falidos, em detrimento do interesse, dignidade e bem comum. Diminui a credibilidade das instituições democráticas e aumenta a tentação totalitária dos poderes corporativos. Quanto à cultura, importa tentar compreender as causas e os percursos da sua evolução, até ao seu eventual "fim", estudado por prestigiados académicos, como Eric J. Hobsbawm, que apresenta a tese segundo a qual "a lógica, quer do desenvolvimento capitalista, quer da própria civilização burguesa, estava destinada a destruir as suas próprias bases" (Hobsbawm 2014: 10). As inovações científicas e tecnológicas, o consumismo massificado e a globalização, em especial ao longo do século XX, vêm imprimindo mudanças radicais nos conceitos e nas práticas artísticas, pelo que "[n]ão sabemos ou percebemos como enfrentar a actual onda criativa que submerge o globo de imagens, sons e palavras, e que quase certamente se tornará incontrolável quer no espaço físico, quer no cyberspaço" (*ibid.*: 12). Visão certa e abrangente que capta as inquietações, ou os entusiasmos, dos agentes, fruidores e observadores culturais perante a viragem de paradigmas que a tecnologia e os novos meios de comunicação alteraram para sempre.

Na realidade que nos é mais próxima, ainda podemos verificar que as Artes e Humanidades, defendidas por militantes culturais em práticas de resistência, toleradas ou aceites quando pactuam com lógicas mercantilistas,

também são redefinidas e coarctadas. Substituídas pelas Artes Visuais e Performantes (*sic!*), disfarçam na espuma da superfície a ignorância das profundezas, deixando aflorar os sentidos maiores que elas carregam aos olhos dos poderes instituídos, que colocam a tónica sobre a presença ubíqua das imagens e a mensurabilidade dos desempenhos. Esmagados em vidas reificadas, formatadas por uma vertigem que leva em direcção do vazio, num presente distorcido e envenenado que branqueia o passado e amputa o futuro, impõe-se a urgência do questionamento.

A história das civilizações expressa bem a complexidade e as contradições do ser humano. O mapa da contemporaneidade continua a expor as suas glórias e misérias, fragmentadas em povos heterogéneos, regidos por organizações, interesses, tempos, espaços, velocidades e oportunidades díspares. Ou, dito por outras palavras, cujas construções e imaginários criam sentidos e moldam comportamentos não standardizáveis, cujas demandas solicitam respostas diferentes.

Sobre o "irrealismo prodigioso" na produção de imagens mitificadas como característica da identidade portuguesa, os contributos de Eduardo Lourenço mantêm-se inspiradores. Viriato Soromenho-Marques, no seu informado e fecundo estudo *Portugal na queda da Europa*, refere os seus "luminosos escritos" sobre a adesão portuguesa aos projectos europeístas, que seria "caracterizada por escassa meditação, nula 'adesão simbólica' e uma tendência para a 'fuga' permanente para espaços geográficos exteriores ao Velho Continente" (Soromenho-Marques 2014: 19). Contra os perigos das "curtas vistas" (*ibid.*: 120) de quem ignora as lições da História ou procura culpados em vez de causas, é com base em vasta análise destas que se explica a terrível crise da qual os Europeus – e os portugueses, em cuja caminhada colectiva "[m]uito raramente [...] a escolha desavisada de tão poucos terá afe[c]tado a vida de quase todos" – poderão sair se tiverem a capacidade de "ser fiéis ao melhor da sua história e à promessa de um futuro comum" (*ibid.*: 61 e 210), superando a sua iliteracia político-económica generalizada.

A heteronomia dos sistemas e a autonomia do sujeito têm sido objecto de aturada reflexão também por parte de Cornelius Castoriadis, que indaga a polimorfia da situação sócio-histórica actual, as mitificações e mistificações sistémicas, a "actaminação do projecto emancipatório da autonomia pelo imaginário capitalista" (Castoriadis 2012: 48). Reduzido à dimensão económica e funcionalista (auto)enganadora, limitada e opressiva, tem levado à "decomposição" e "crise das significações dos imaginários

das sociedades modernas" (*ibid.*: 95 e 98). Observados por outro prisma, os revezes de padrões relacionados com a triangulação de três elementos centrais, como são a história, o homem e os seus contextos relacionais, tem levado Marc Augier a concluir que, "[c]om a passagem da colonização à globalização, a etnologia do excesso simbólico transforma-se em antropologia da solidão" (Augier 2014: 125).

Confiemos que "hordas de vigilantes" (Chomsky 1999) contrariem o rumo "suicidário" (Soromenho-Marques, *op. cit.*) das crises duma humanidade desencontrada com ela própria.

3. Jangadas de papel.

Pela extensão do princípio dos vasos comunicantes às actividades humanas, é na moldura acima esboçada a traço grosso que se enquadra o afunilamento duma oferta editorial de amplo espectro – peças originais e traduções, estudos e ensaios, revistas – ainda poucos anos atrás animadora, pela pluralidade de vozes e estímulos vitais que revelava. A custo, também no sentido mais literal do termo, o desejo de democratização (ou o processo de massificação) da cultura parecia encontrar novos fruidores (ou mercados).

Mais de dez anos depois da criação da *Sinais de cena*, ao verificarmos as listas de publicações de e sobre teatro que encerram a secção "Leituras" dos números de Junho – decerto incompletas devido aos desacertos entre distribuição, exposição e acesso nas livrarias –, sobressai a contracção do número e variedade de editoras dispostas, capazes ou interessadas em manter aberto o seu catálogo a esta matéria. E é mais uma vez a custo, também no sentido literal do termo, que se assiste à quase desertificação de uma oferta – em regime de subsistência espiritual – proporcionada por pequenas editoras, tiragens limitadas, parcerias público-privadas, todas sem fins lucrativos entre os motores (ou objectivos) principais que as animam.

Se considerarmos as edições de dramaturgia, exceptuando os dois Teatros Nacionais, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, as colecções dos Artistas Unidos e da Companhia de Almada, mais a Apenas Livros³, pouco nos resta.

Novidade recente, a presença da açoriana Companhia das Ilhas, que lançou em 2012

a Colecção Azulcobalto/Teatro. À medida do país que temos, cada vez mais pequeno e mais pobre de meios, mas não de talento ou de forças para ainda assim sobreviver, este projecto independente ("quixotesco", nas palavras de Rui Pina Coelho, seu co-director com Carlos

³ Entre 2004 e 2013, a discreta e perseverante colecção "Apenas de cordel – Teatro de cordel", acolheu 14 títulos, dos quais 11 são peças.

Alberto Machado) e de dimensão micro (ou residual), acolhe peças curtas – “[m]onólogos, dramas poéticos, peças em um acto” –, já estreadas ou à espera de um palco⁴. Desde logo anunciando textos de autores com valor, a colecção tem formato inicial reduzido, ou de bolso, é de gráfica cuidada e celebra a vontade de preservação das instâncias criadoras por parte da comunidade artística nacional.

No entanto, nas disforias do nosso tempo sem futuro à vista, a iniciativa pode sugerir tanto a metáfora romântica dos barquinhos de papel em navegação solitária num oceano hostil, como a de frágeis jangadas com náufragos que tentam rumar para a Utopia. Testemunhar a “vitalidade da nova dramaturgia portuguesa no século XXI” e a “dinâmica da literatura dramática portuguesa contemporânea” num “teatro de pequena dimensão”, não deixa de apontar para sentidos múltiplos. Pode ser claro sinal de uma opção estética que privilegia a concisão, como também a contracção da disponibilidade / capacidade de ouvir e comunicar em tempos de excesso – e rapidez – de informação, ou ainda de um estado de mutação genética para se adaptar à “ascensão da [sua] insignificância” na nossa sociedade. Reconhecendo essa tendência difusa na dramaturgia actual, a argúcia crítica de Paulo Eduardo Carvalho assinala: “A forma breve conquista, assim, um espaço de inventividade que a converte num dos mais poderosos laboratórios da escrita teatral do século XX”⁵.

4. Sinais no horizonte.

A Colecção Azulcobalto é inaugurada com o título *Bela dona e outros monólogos*, de Pedro Eiras, seguido por *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho*, de Rui Pina Coelho, *O regresso de Orto*, de Jaime Rocha, *A porta fechou-se e a casa era pequena*, de Ricardo Neves-Neves, e *Peça romântica para um teatro fechado*, de Tiago Rodrigues, todos de 2013, já objecto de atentas leituras de Sara Figueiredo Costa e Emília Costa no n.º 20 da *Sinais de cena* (para o qual se remete). Em 2014 é a vez de *O menino da burra*, de Luís Campião, *Eis o homem* seguido de *(Des)humanidade*, de Marta Freitas (em parceria com o Mundo Razoável), e um volume com dois títulos: *Parking*, de Jorge Palinhos, e *Desmaterialização*, de Tiago Patrício.

Para além do aspecto formal, há outro forte denominador comum que aproxima a nova geração de autores: a conjugação produtiva das contaminações sectoriais, pelo esbatimento de fronteiras que consente a miscigenação dialógica de competências ligadas à teoria e à prática.

Numa inteligente articulação de tradição e modernidade, Franco Ruffini propõe a leitura dialéctica destas últimas, não como “*modos separados mas níveis interactivos*” (Ruffini 1997: 11, itálico no original, t.m.), que superam a antiga polarização binária graças à integração de um “nível intermédio”, operativo já em Metastasio, e designado com o termo “sapiência”, na acepção etimológica de “conhecimento”. O alargamento, no mínimo, à “visão ternária e não opositiva”, permite a passagem de uma óptica estática para uma óptica dinâmica. Contrariando a propensão para a subordinação da prática à teoria, ou então “a considerá-la como incognoscível sob a danação do efémero”, abre-se uma negociação horizontal enriquecedora: “se a teoria é o nível das *leis* e a prática o nível das *soluções empíricas*, a sapiência é mesmo o nível das *regras pragmáticas*. Entre o *saber* da teoria e o *fazer* da prática há [...] um *saber fazer* que é, em simultâneo, “experiência individual” e “consciência geral do fazer” (*ibid.*, it. no original).

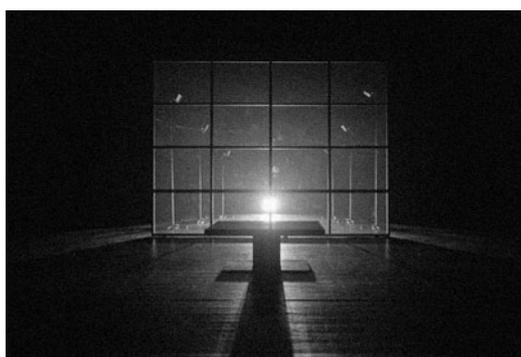
Nesse sentido, menos espartilhados do que os seus antecessores, e talvez mais desafiados a correr os riscos da experimentação, os dramaturgos e artistas de hoje deverão ser apreciados como pensadores / fazedores / sabedores. A formação e a escrita dos autores editados na Colecção Azulcobalto evidencia o que acima foi definido como forte denominador comum. São eles que reafirmam a necessidade, e reivindicam o direito de cidadania, do teatro enquanto lugar vocacionado para o exercício da democracia e a partilha de perplexidades colectivas. Pesem embora as manifestas diferenças, talvez estes aspectos constituam traços identitários comungáveis, reconhecíveis em Luís Campião e Marta Freitas.

Luís Campião, licenciado em Estudos Teatrais pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, pós-graduado em Texto Dramático Europeu pela Universidade da mesma cidade, Mestre em Artes Performativas – Escrita de Cena na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, tem passado da interpretação à escrita, com *Cova dos ladrões* (2010) e *Parabéns* (2012) destacando-se pela originalidade de *Nossa Senhora da Açoteia*, texto vencedor da 6ª edição do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva 2012, e do 1º concurso de textos teatrais do Teatro Universitário do Porto, que o estreou no mesmo ano. Outra distinção, uma menção honrosa no concurso INATEL – Novos Textos 2013, é atribuída a *O menino da burra*.

A dimensão desta última peça é a de “drama a uma só voz” (Guerra 2013), teatro de texto em que o propulsor da acção é a palavra, mas também a fala, porque a produção física de fonemas já é acção portadora de sentidos.

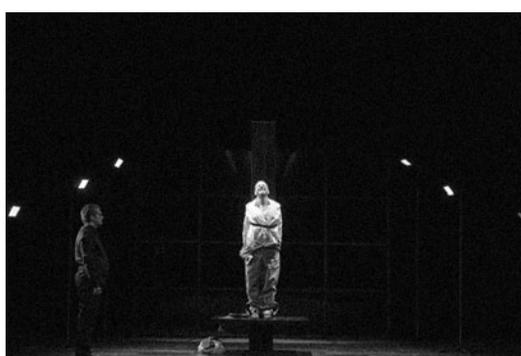
⁴ “Lançamento da Colecção Azulcobalto | teatro [Editora Companhia Das Ilhas]” (<https://www.facebook.com/events/120451914832550/> [data de acesso: 27 Novembro 2013]).

⁵ “Azulcobalto | Teatro - Comemorações do dia mundial do Teatro | 27 de Março | Mercearia de Arte | Coimbra” (<https://www.facebook.com/events/1398323117093999/?ref=22> [data de acesso: 5 de Junho de 2014]).



< >

Eis o homem,
de Marta Freitas,
co-enc. e dramaturgia de
Marta Freitas e José
Eduardo Silva, Mundo
Razoável et al., 2013
(< cenário de Catarina
Barros;
> José Eduardo Silva),
fot. Paulo Cunha Martins.



< >

Eis o homem,
de Marta Freitas,
co-enc. e dramaturgia de
Marta Freitas e José
Eduardo Silva, Mundo
Razoável et al., 2013
(< Adolfo Luxúria Canibal
e José Eduardo Silva;
> José Eduardo Silva e
Adolfo Luxúria Canibal),
fot. Paulo Cunha Martins.

Os factores que têm determinado a passagem, na história do teatro, do exercício da coralidade para a presença residual de uma só personagem, são muitos e complexos. Como mero apontamento recorda-se que, desde o teatro clássico, com personagens e coro, até moldar-se no drama burguês, em que o coro desaparece ou surge diluído, reconfigurado ou pulverizado (que acontece p. ex. com as personagens "secundárias" goldonianas), o palco do século XX assiste ao "triunfo" do protagonista "único" e à expulsão de interlocutores.

O teatro é espelho e produto da sociedade em que germina: na Atenas do V século a.C. representa-se a cidade na sua dimensão religiosa e cívica; no palco europeu setecentista representa-se a cidade na sua dimensão económica e nas suas relações produtivas; no palco actual manifesta-se com frequência a condição alienante do sistema capitalista-financeiro globalizado. O desamparo de certos vencidos, protagonistas dos monólogos do nosso tempo, o carácter fragmentário do seu efabular, a diluição do tom confessional no frêmito poético, a confluência do dramático no rapsódico pela eleição do quotidiano banal como objecto dum discurso enunciado por personagens desprovidas de grandeza (Sarrazac 2011), a introdução da técnica do monólogo interior vindo da matéria literária, bem como o gosto pela intertextualidade, são elementos que não faltam no chamado teatro pós-moderno ou pós-dramático.

É nesse pano de fundo que ganham corpo a personagem anónima de *O menino e a burra* e o seu "diálogo" com os espectadores. Através da convenção dramática, avivam-se micro e macro histórias, evocadoras dum Portugal pobre e rural, ainda a lidar com o espantinho da guerra colonial e da ignorância, no intuito de se transmitir a sua memória. Demasiadas vidas ficaram com marcas indeléveis, esculpidas nos corpos e espíritos, por aquelas experiências penosas. Por isso dramaturgo e personagem não podem nem querem esquecer: ainda não se consegue enterrar esse passado.

Quanto à intertextualidade, é adoptada pelo autor em relação à sua própria obra, havendo trechos de *Nossa Senhora da Açoteia* (2013: 56-57) que transitam para *O menino da burra* (pp. 39-40), sendo, aliás, os seus protagonistas parentes bem próximos. Variante gráfica e assertiva da sua índole lírica, este último texto é feito de frases curtas que pedem silêncios, para que os seus sentidos semeiem ressonâncias nos ouvintes / leitores. O lugar privilegiado ocupado pelo actor e pelo texto no palco contemporâneo, aliás, segundo Valère Novarina, "corresponde certamente a algo de profundo de que as pessoas necessitam. Elas estão de novo à procura da pobreza e do silêncio. E o monólogo, estranhamente, é um lugar de silêncio" (Novarina *apud* Guerra 2013: 20). Os sons e as imagens das cidades tornaram-se demasiado ruidosas e insuportáveis.

Marta Freitas, licenciada em Interpretação pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, e em psicologia pela Universidade do Minho, onde obteve os graus de Mestre e Doutoramento em Ciências Cognitivas, tem desenvolvido em paralelo formação, ensino e actividade artística como atriz, dramaturgista, encenadora, membro fundador da companhia de teatro Mau Artista, fundadora e directora da empresa Bastidor Público e da associação Mundo Razoável, ambas empenhadas no sector cultural. Assumiu a responsabilidade autoral das peças *Cem lamentos* (2010), *Diz-lhes que não falarei nem que me matem* (2011) e *Lucki e as baibies* (2012), todas elas já representadas.

Numa aparente digressão, cabe aqui mencionar o 3.º Encontro Presente no Futuro, com tema "À procura da liberdade", tão oportuno na comemoração dos 40 anos da Revolução de Abril. Entre os muitos oradores que entrevistaram, Eduardo Lourenço teria dito que "a liberdade é como respirar. Estamos condenados à liberdade que nos foi dada como parte do que somos"⁶. Esse raciocínio atravessa a escrita de Marta Freitas, desassossegada pelas noções de "destino" e "livre arbitrio".

⁶ http://www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=4160323 (data de acesso: 10 de Dezembro de 2014). O Encontro foi promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos e decorreu nos dias 3 e 4 de Outubro de 2014 no Centro Cultural de Belém.

Estreadas em 2013, *Eis o homem e (Des)humanidade* foram inspiradas pela obra *Ecce Homo*, de Nietzsche. Na Babel de crenças, práticas e incertezas, vindas da tradição e da actualidade, as personagens têm no âmago da sua parábola "A Pergunta" por excelência: "quem é que eu realmente sou?" (p. 16). Daí que, nesta escrita, sejam pertinentes algumas das questões acima expostas, em variadas modalizações, referidas a binarismos conceptuais redutores, mas num movimento desejado de as transpor: Criador e criatura, culpa e perdão, racionalismo e pulsão, amor e ódio, autonomia e dependência, demissão e responsabilidade, direitos e deveres, indivíduo e colectividade. Na essência, o Eu e o Outro, o Outro que é e há no Eu, o reconhecimento dessa dupla identidade e posição, da sua dialéctica, que possibilita a ansiada reunificação. Na prática, representam a necessidade de alternativa às polaridades, aviltantes, decerto, da condição humana em geral: "Não quero ser lobo nem presa. Não quero existir em nenhum desses modos" (p. 48); e ainda, "Na solidão, o homem devora-se a si mesmo. Na multidão devoram-no inúmeros. Então escolhe" (p. 106, it. no original, citação do filósofo alemão). O Ego deve morrer, para que haja mais mundos e mais humanidade.

Há outro aspecto que mereceria mais demorada reflexão e que fica aqui como mero apontamento: o peso e a herança do Cristianismo na tradição ocidental. O seu enraizamento mantém um impacto tão forte no tecido social que, apesar da dimensão laica do estado moderno, da separação entre poder espiritual e poder temporal, a arte e a cultura exemplarmente transportam o seu imaginário no momento da criação, podendo multiplicar as significações do objecto que o integra. Neste caso concreto, veja-se, por exemplo, a dimensão nuclear que a figura do Filho de Deus pode exercer numa dupla direcção: as personagens de Luís Campião e Marta Freitas são protagonistas numa alegoria cujos efeitos são colhidos na pequena escala individual, mas que repetem o enigmático sacrifício do seu antecessor. São pobres Cristos que arrastam a cruz do seu destino num Calvário de redenção duvidosa. Para o (anti?)herói de *Eis o homem*, já no título é anunciado o seu destino de morte e a possível redenção. Tentam, aguentam e voltam a tentar, ficando, ou não, à espera do seu Godot.

Encerra o ano editorial de 2014 o lançamento do volume que reúne *Parking*, de Jorge Palinhos, e *Desmaterialização*, de Tiago Patrício, resultado da 1ª edição do Laboratório de Dramaturgia – Escrever no Espaço, realizado no âmbito duma parceria composta pela Companhia das Ilhas, Teatro Meridional e Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ao concretizar a formulação teórica de Paulo Eduardo Carvalho, a união de vontades neste esforço conjunto que visa estimular a criação de originais em língua portuguesa, rema contra a corrente da pulverização individualista, agregando as ilhas em arquipélagos. Uma 1.ª edição que prenuncia sinais de futuro na linha do horizonte.

Referências bibliográficas

- AUGIER, Marc (2014), *L'antropologo e il mondo globale*, trad. Laura Odello, Milano Raffaello Cortina Editore (*L'anthropologue global*, Paris, Armand Colin, 2013).
- CAMPIÃO, Luís (2013), *Nossa Senhora da Açoteia*, Lisboa, Instituto Camões / Chiado Editora.
- CASTORIADIS, Cornelius (2012), *A ascensão da insignificância*, trad. Carlos Correia de Oliveira, Lisboa, Bizâncio, 2.ª ed. (1.ª ed. 1998; *La montée de l'insignifiance*, Paris, Éditions du Seuil, 1996).
- CHOMSKY, Noam (2000), *O neoliberalismo e a ordem global: Crítica do lucro*, trad. António Cruz Belo, Lisboa, Editorial Notícias (*Profit over people: Neoliberalism and global order*, New York, Seven Stories Press, 1999).
- GUERRA, Cristina Antoniovna (2013), *Drama a uma só voz*, dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado.
- HOBBSAWM, Eric J. (2014), *La fine della cultura: Saggio su un secolo di crisi di identità*, trad. Leonardo Clausi, Daniele Didero e Andrea Zucchetti, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli.
- LANARO, Giorgio (1997), *L'evoluzione, il progresso e la società industriale. Un profilo di Herbert Spencer*, Firenze, La Nuova Italia, Pubblicazioni della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano (consultado no sítio: www.studiumanistici.unimi.it/files/_ITA_/Filarete/175.pdf [último acesso: 30 de Outubro de 2014]).
- RUFFINI, Franco (1997), "Introduzione all'edizione italiana", in Marvin Carlson, *Teorie del teatro: Panorama storico e critico*, trad. Leonardo Gandini, Bologna, Il Mulino, Strumenti, pp. 9-28 (*Theories of Theatre: A Historical and Critical Survey from the Greeks to the present*, Ithaca, New York, Cornell University Press, 1984).
- SARRAZAC, Jean-Pierre, *O outro diálogo: Elementos para uma poética do drama moderno e contemporâneo*, trad. Luís Varela, pref. Christine Zurbach, Évora, Editora Licorne, Teatro-Materiais 2, 2011.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato (2014), *Portugal na queda da Europa*, Lisboa, Temas e Debates – Círculo de Leitores.

Sitiografia

<http://www.primolevi.it/>
www3.fl.ul.pt/CETbase/